RODRIGO BRITO

PoD editora

COLAPSOS DE UMA MENTE

COLAPSOS DE UMA MENTE

Rodrigo Brito

COLAPSOS DE UMA MENTE

Rio de Janeiro
2018

Colapsos de uma mente

Copyright © 2018, *Rodrigo Brito*

Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Diagramação:
Pod Editora

Impressão e Acabamento:
PoD Editora

Revisão:
PoD Editora

Capa:
Maurício Motta

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contido, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B877c
Brito, Rodrigo
Colapsos de uma mente / Rodrigo Brito – 1. ed. Rio de Janeiro: PoD, 2018.
148p. ; 21cm
ISBN 978-85-8225-201-7

1. Romance brasileiro. I. Título.

18-51414 CDD: 869.3
CDU: 82-31(81)

25.07.2018 31.07.2018

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Dedico esta obra aos grandes heróis da minha vida: meu Pai e minha Mãe.

Seu Graciano Fagundes de Brito, um gladiador. Trabalhou por toda uma vida para que nunca faltasse nada para nossa família. Com ele aprendi que trabalho é coisa séria, e que sempre devemos dar o máximo em tudo o que fazemos, sempre lembrando: "Isso é uma atitude normal", dizia ele.

Maria das Graças Barbosa de Brito, um anjo que iluminou minha vida. Conhecida por todos como a famosa "Tia Graça" sempre dispensou comentários. Ela me guiou para o caminho da literatura. Se pudesse realizar um desejo, seria o de traze-la de volta para ler este livro. Sou muito grato a você mãe, por tudo que me ensinou e pela pessoa honesta que me tornei.

Dedico aos meus irmãos Tatiane e Diego Barbosa de Brito e aos meus queridos filhos Gabriel e Lara Brito.

Dedico também a todos os meus amigos que estão sempre enviando energias positivas diariamente.

Sou muito grato a todos vocês.

Prefácio

Surpreendente! Não poderia iniciar de outra forma minha impressão sobre este maravilhoso texto. Quando fui convidado por meu amigo, Rodrigo Brito, a prefaciar seu livro, tinha apenas uma certeza: encontraria um trabalho sério e que demonstraria todo o empenho e dedicação que lhes são peculiares. Mas qual não foi minha surpresa ao descobrir a cada parágrafo, e dali em cada capítulo um escritor completo, e consciente do que deseja entregar ao leitor.

O autor tem a coragem necessária para narrar uma ficção recheada de nuances, e com altas doses de suspense. Com propriedade, ele explora uma temática moderna, usa conceitos atuais como investigação cibernética e experimentos científicos para criar uma trama rica e envolvente.

Se olharmos com atenção para a interrogação de James, enxergaremos uma metáfora para a prisão emocional que a muitos encarcera. Para o protagonista, essa consciência lhe mostra os passos que deve seguir.

Com uma narrativa intensa, e fortemente apoiada em seus personagens, Colapsos de Uma Mente, seguirá seu caminho de revelar verdades. Mas fique atento. Neste enredo sempre há espaço para o improvável! O escritor Edgard Allan Poe, em sua obra máxima Contos de Imaginação e Mistério, escreveu assim... "Ofereço este livro àqueles que puseram fé no sonho como única realidade!" Rodrigo

Brito nos ofereceu o mesmo. Brindou-nos com seu sonho e entregou por meio de seu personagem central uma realidade pela qual vale a pena lutar. Te convido a ler e também sonhar através desta bela história.

Jorge Ferreira Guimarães
Jornalista

Prólogo

Caminhando sobre pisos de porcelanato limpos e brilhosos, refletindo tudo que por ali passava, chegavam até a recepção do Hotel Sheldon, um dos mais luxuosos hotéis da cidade, senhores com suas roupas caras, ternos elegantes, relógios dourados. Entre eles, uma senhora coberta de diamantes, fina e elegante, portando sua bolsa de grife exclusiva.

A recepcionista, já orientada sobre a presença de todos, encaminhou-os para a luxuosa cobertura cinco estrelas informando o caminho para o elevador exclusivo para a reunião. Dentro do elevador os convidados não se comunicavam. Todos permaneciam em silêncio. Apesar de aparentemente todos ali se conhecerem, mantinham um semblante preocupado. Ao chegarem na cobertura, duas recepcionistas os aguardavam. Seria difícil definir a mais bonita. Na esquerda a morena com cabelos compridos e negros. Seu rosto era liso, com uma leve maquiagem e um belo sorriso. À direita a loira alta chamava mais atenção com seus olhos azuis como o céu, lábios finos e um forte batom vermelho. Apesar de usar meia calça, notava-se que suas pernas eram muito bonitas. Assim que todos saíram do elevador a loira se apresentou.

— Bom dia senhores, meu nome é Ammy. Sejam bem-vindos! A sala de reunião fica no corredor à esquerda, queiram me acompanhar por favor.

Apesar de lindas, sequer foram notadas pelos convidados, que logo seguiram seus passos em direção ao corredor. Assim que todos adentraram a sala de reunião, Ammy informou com sutileza:

— Por favor, peço que se acomodem em suas poltronas. A reunião será iniciada no horário marcado.

A sala era ampla com uma mesa imensa no centro e diversas poltronas vermelhas ao seu redor. Ao fundo havia uma tela que ocupava toda a parede. O acabamento à direita, de *blindex*, deixava a sala bastante clara, pois as persianas estavam encostadas no canto da parede. Após se acomodarem, um dos convidados enfim quebrou o silêncio.

— Muito bonito este Hotel. Arrependo-me de não ter participado do leilão — disse a senhora enquanto olhava para o seu anel de brilhantes.

— Como se ele fosse abrir mão deste hotel facilmente — disse sarcasticamente um dos senhores — ele jamais deixaria alguém vencê-lo naquele leilão. Espero que não se atrase, pois desmarquei compromissos importantes para participar desta reunião emergencial — completou, com um charuto recém-aceso na boca.

Em seguida, uma bela voz feminina soou pelas caixas de som espalhadas pela sala:

— Senhores, solicito que permaneçam em seus lugares. O senhor Walter está a caminho, a reunião irá começar em instantes.

1

Ele seguia andando com um vasto sorriso no rosto. No outro lado da calçada ela o esperava sorrindo, com seus cabelos longos e negros, sempre linda. Usava um vestido simples com um tom rosado assim como sua pele. James não desviava seu olhar, como se o tempo estivesse congelado. Nada o incomodava, os ruídos da cidade grande pareciam imperceptíveis. Era uma manhã de outono, mais um dia com clima agradável. O céu estava totalmente azul, completamente sem nuvens. Diversos pássaros voavam pela praça, cantando em plena sintonia, mas James não percebia, só tinha olhos para ela. Seus olhos brilhavam, estava agitado, barba feita, usava um casaco de couro marrom com uma calça jeans desbotada – quem chegasse próximo sentiria o cheiro de roupa nova. Quando chegou ao seu encontro, ela sorriu, com uma leve marca de batom em seus lábios. A alegria e emoção eram recíprocas, mas, ao chegar próximo a ponto de abraçá-la, em um piscar de olhos ele percebeu que não era mais ela que ali estava. O que ele via era sua própria imagem, porém com uma aparência diferente – a barba estava por fazer, tinha enormes olheiras e seu rosto era pálido como a neve, notando-se aí uma expressão de dor e sofrimento. Olhando para baixo percebia seu sangue escorrer como cachoeira pela roupa grudada ao corpo. Olhou para o chão:

não havia mais calçada, não escutava mais os pássaros, o céu não era mais azul, era negro, e tudo que conseguia enxergar era o vermelho. O sangue estava por toda parte. Sua cabeça começou a girar, lhe faltou o ar, suas veias pulsavam aceleradamente como se seu cérebro fosse explodir e quando ele já se via fora de si, com as duas mãos sobre a cabeça, caiu no chão inconsciente, mergulhando em um mar vermelho, quando, vinda do fundo de seu subconsciente, uma voz lhe interpelava:

— Você está bem? Está tudo bem?

James acorda assustado, com a roupa molhada de suor, com suas mãos agarradas no pescoço do homem que o tentava acordar de um terrível pesadelo. Após alguns segundos, percebe que estava sufocando Robert, seu companheiro de cela, e o solta imediatamente.

— Calma, James, sou eu, mantenha a calma! — disse Robert quando retomou o fôlego.

— Teve aquele sonho outra vez? — disse Robert, apesar de já saber da resposta.

James levantou e caminhou até o final da cela, apanhou uma toalha e enxugou seu rosto completamente molhado de suor.

Tentava compreender o que estava acontecendo com ele, tentava buscar lembranças de seu passado, mas seus esforços eram em vão – não sabia quem era aquela mulher, sabia que sentia amor por ela, carinho, afeto, mas não conseguia reconhecê-la, assim como não reconhecia nem a si próprio, e não fazia ideia de como havia chegado àquela prisão.

Após sentar-se na cama, aparentemente mais calmo, respondeu:

— Sim! Era o mesmo sonho — respirou profundamente antes de continuar — Mas dessa vez parecia mais real, não consigo compreender o que está acontecendo.

— Calma — disse Robert — você precisa ter calma. Provavelmente estes sonhos têm algo a ver com seu passado.

— Certamente que sim... Mas por que somente agora? Já estou há um mês sonhando algo que não consigo recordar. Nem ao menos sei como vim parar aqui — deixou a toalha de lado e caminhou para sua cama — preciso descobrir sobre o meu passado.

A cela era pequena e tinha forma retangular. Ambos dormiam em um beliche. Robert dormia na cama de cima. Na época em que chegou à prisão perguntou a James se poderia ficar na parte alta – este lhe cedeu o lugar sem se importar. Robert havia sido transferido de outra prisão, tinha cabelos longos visivelmente maltratados – viviam embaraçados –, a barba sempre estava por fazer e sempre dizia que não ligava para sua aparência. Andava sempre com a foto de sua filha e esposa, ambas bem vestidas, em uma festa de casamento ou algo do gênero. Sempre antes de dormir Robert colava a foto no teto da parede para ficar olhando para elas – dizia que eram suas estrelas e contava os dias para revê-las, bem longe daquela prisão. Era a única companhia de James, que por ser sempre reservado não tinha muitas amizades.

De manhã as atividades eram as mesmas: os prisioneiros ficavam em suas galerias dentro de suas celas e por volta das nove horas era feita a contagem matinal de todos para a troca de turno, ordenada pelo diretor. Deste modo era possível ter certeza de que não havia acontecido nenhuma fuga. O mesmo procedimento se repetia à noite, antes do fechamento das galerias. Naquela manhã, após a conferência, o pátio estava cheio; haviam detentos espalhados por toda a quadra, uns fazendo exercícios com pesos improvisados com amarrações de garrafas plásticas contendo água, outros jogando carteado, todos em seus devidos lugares. Cada um deles fazia parte de uma gangue. As gangues permaneciam isoladas como se fossem as únicas naqueles lugares, todas muito perigosas. Nenhuma destas gangues, contudo, era tão temida como a de Hernandez, um homem movido pelo ódio. Sua gangue era de origem mexicana. Hernandez e seus comparsas comandavam a prisão, e ninguém chegava perto deles, muito menos James, que era apelidado de *mula*. Este era o nome dado para os presidiários que não faziam parte de nenhuma gangue. James adorava ser mula, não se importava em saber sobre as gangues, estava preocupado em saber quem ele era, mas às vezes percebia que Hernandez o vigiava. Certa vez, após uma noite com seus sonhos, James acordou assustado e, ao abrir os olhos jurou que havia visto Hernandez de pé em frente à sua cela. Passou dias se

perguntando se ele realmente estava lá ou se era apenas mais uma de suas alucinações. Hernandez era baixo, tinha a cor parda, cabeça raspada, andava sempre bem arrumado, não usava uniforme como os demais presidiários. Em vez disso, usava diversos cordões, sendo que um deles chamava bastante atenção por ter uma espessura grossa e um pingente em formato de cruz.

Os sapatos eram de couro, na maioria das vezes de cobra. O mexicano era visivelmente vaidoso, mas também maldoso na mesma proporção. Tinha um temperamento exaustivamente explosivo, consumia cocaína constantemente e usava a droga sem se preocupar com os guardas, que fingiam não estar vendo. Uma vez Hernandez matou um dos membros de sua gangue apenas por ele ter dado uma opinião contrária em uma de suas decisões na cadeia. O homem socou-o descontroladamente até a morte.

— Eu odeio esse cara! — disse Robert — Ele acha que é o dono da prisão.

— E é o que parece — completou James.

Apesar de todos temerem Hernandez, James não se importava com ele, tinha outros problemas para resolver.

— Não estou nem um pouco preocupado com ele, preciso descobrir como vim para aqui.

— Que bom que seus sonhos estão evoluindo. O que você acha dessa mulher que tanto sonha?

— Tenho certeza que a conheço! A marca de aliança em meu dedo não deixa dúvidas de que fui casado, mas fico me perguntando o que pode ter acontecido.

— Você tem razão, mas pode contar com minha ajuda! Independentemente do que descobrir, estarei ao seu lado — Robert concluiu olhando ao redor enquanto caminhava para o refeitório.

— O pátio está limpo e o lixo organizado... Provavelmente receberemos alguma visita hoje e, como ninguém apareceu pela manhã, provavelmente teremos desfile pelos corredores mais tarde.

— Já faz um tempo que ele não dá as caras por aqui, espero que não haja mudanças — respondeu James enquanto colocava sua comida na bandeja.

— Mudanças é o de menos! Espero que ele não acenda aquele charuto insuportável, o cheiro fica entranhado na galeria por dias — disse Robert ainda com a boca cheia. Não sabia o que fazia; se comia, falava ou bebia o suco aguado de máquina que estava na mesa. James o fitou por um segundo e riu por dentro, se perguntando como ele conseguia fazer as três coisas ao mesmo tempo. Mesmo não muito interessado, estava disposto a conversar.

— Você sabe que isso é impossível, ele respira fumaça. Toda vez que o vejo ele está com um charuto na mão — James deu um gole no suco e percebeu que estava horrível, enquanto Robert bebeu o resto do refresco em uma só golada.

— É, eu sei, mas se tratando do diretor da prisão, deveria dar o exemplo... Vai beber este suco? — James riu e respondeu em seguida:

— Não mesmo, pode beber — Robert pegou o copo e continuou a falar:

— A prisão está caindo aos pedaços. Não há uma área de lazer, a biblioteca está desativada há meses. Ele raramente aparece, e quando vem não muda nada.

Ao pôr-do-sol todos os detentos retornaram para suas celas mais cedo já imaginando que o diretor compareceria à galeria. Diferentemente do calor rotineiro, o ambiente estava agradável – um vento fresco pairava pelos corredores já vazios, o mesmo vento que alguns minutos depois balançava os cabelos curtos e grisalhos, espalhando um rastro de fumaça que saía pela boca e pelo charuto entrelaçados em seus dedos. Isaak caminhava lentamente pelo corredor. Atrás dele aproximadamente cinco guardas faziam sua contenção, além de mais dois guardas, um na grade de acesso para a inspetoria, outro analisando a parte superior da prisão, armados e prontos para agir caso precisassem. Isaak era alto, andava sempre vestido de terno, sempre com seu charuto importado na boca. Não gostava de ver os presos soltos e ao andar pelos corredores não se dirigia a ninguém, apenas caminhava. O silêncio era absoluto. O único som que se ouvia era o som de seus sapatos caros. Após caminhar por toda galeria, fez um sinal para o guarda que permanecia no acesso de saída e, após alguns segundos, todas a luzes se apagaram. Isaak permaneceu em silêncio

até chegar à saída da galeria.

Após sua saída, não poderia mais haver ruídos nem conversas, todos deveriam dormir.

***

Na tarde do dia seguinte, no horário da refeição, havia um novo detento. Estava acuado e com o medo estampado em seus olhos. Alguém já havia lhe roubado a refeição. Magro, com a cabeça raspada, seu couro cabeludo era branco como uma lâmpada acesa devido à ausência de sol. Provavelmente tinha os cabelos longos anteriormente. Ostentava enormes olheiras. Estava inquieto. Os demais internos zombavam de sua aparência e de seu medo. Tudo que mais queria era sair daquele lugar, mas sabia que não podia fugir. Alguns detentos jogavam objetos, deixando-o inquieto, até que não conseguiu mais ficar ali sentado. Levantou-se com pressa e se pôs a correr, mas não conseguiu ir tão longe. Após alguns passos ainda distraído, quando enfim se preocupou em olhar para frente, já era tarde: não teve tempo de desviar de quem vinha no corredor. Chocou-se com mais um homem estranho aos seus olhos, virando a bandeja por completo em suas roupas, e rapidamente percebeu que, apesar de todos serem estranhos, aquele homem era diferente; ele não usava uniforme, era Hernandez.

Ao se deparar com o rapaz, Hernandez teve dificuldade para assimilar o ocorrido. Olhou para suas roupas, sua camiseta branca totalmente manchada com respingos escorrendo pela calça jeans que usava. Em seguida olhou para o chão, avistou um rosto incomum, alguém que não conhecia. Seu coração acelerou rapidamente, sua respiração tornou-se cada vez mais ofegante. O sangue pulsava estrondosamente como se suas veias fossem estourar. Hernandez ergueu o rapaz indefeso pelo colarinho da blusa e o levou contra a parede, e sem que ninguém ali esperasse deu um grito face a face com toda sua ira – até quem estava longe correu para ver do que se tratava após ouvir o barulho. Sua boca ficou por um instante completamente aberta a menos de três centímetros do rosto do rapaz desesperado. Todos olhavam ansiosos e curiosos. Alguns gritavam o nome de Hernandez, eufóricos. Apesar de James sempre sair dos lo-

cais em que Hernandez causava suas confusões, desta vez permaneceu imóvel. Robert puxou-o pelo braço para que ambos saíssem dali, pois Hernandez estava exatamente ao lado de sua mesa. O passadiço onde os guardas caminhavam estava cheio; todos assistiam, uns riam, como um espetáculo que ninguém gostaria de perder sequer os mínimos detalhes – menos para o jovem rapaz cada vez mais acuado.

Hernandez puxou-o levando para o outro lado e o jogou sobre uma das mesas, que logo se estraçalhou, levando o rapaz novamente de encontro ao chão. Em um instante, a aparência furiosa de Hernandez pareceu ceder à calma. O impiedoso homem gostando de ver o medo estampado nos olhos do jovem agoniado, que implorava por desculpas com lágrimas nos olhos. Suas palavras, contudo, eram em vão, pois o homem forte sem uniforme não escutava, estava concentrado, como um caçador olhando sua presa. Hernandez agachou-se à sua frente, colocando os joelhos sobre os seus, cerrou o punho, e quando o rapaz viu seu braço bruto vindo em sua direção nada mais pôde fazer a não ser fechar os olhos.

Em seguida, o espetáculo ficou em silêncio. Todos se calaram. Olhavam ofegantes e desacreditados, como Hernandez que, mesmo sem ação, rapidamente olhou para trás para ver quem havia segurado seu braço – sua visão estava prejudicada por estar de frente para a luz, e até então só conseguia ver a sombra daquele que o parara. Moveu o rosto para o lado, de forma que não ficasse de frente para a claridade, e ficou surpreso quando finalmente reconheceu o bloqueador. Em pé, na sua frente, James estava imóvel. Mesmo sem saber o que estava fazendo, manteve a postura, mas não sabia o que poderia acontecer a partir daquele momento. Hernandez se levantou, já deixando o rapaz de lado e indo de encontro a James, trincando os dentes de fúria. James sabia que seria difícil ganhar de Hernandez, mas em nenhum momento parou de encará-lo: continuou imóvel, aguardando a reação que tomaria para que pudesse se defender. Hernandez se aproximou mais um pouco já com os punhos cerrados. Quando chegou bem próximo, já em uma distância em que pudesse atacar, por alguns segundos parou de encará-lo; olhou para cima e, em seguida, ao olhar novamente para James, soltou um grito de ira, apontou o dedo para

seu rosto e disse:

— Eu ainda vou te pegar, e você não será o queridinho da prisão por muito tempo!

Olhou novamente para cima e cuspiu no chão, se virou e foi embora.

Sem entender, James virou para trás buscando a direção para que Hernandez havia olhado e conseguiu visualizar no passadiço a pessoa que seu antagonista havia visto. Era o diretor Isaak.

2

— Oi, bom dia!
— Bom dia.
— Aqui está seu café, senhor.
— Obrigado.
— E o complemento? O senhor vai querer o de sempre?
— Sim. Por favor.

Apesar da manhã chuvosa e com bastante frio, tomar seu café da manhã naquela padaria e ler o jornal em busca de algo que o interessasse fazia parte da rotina de Michael. Este estava de passagem na cidade. Pelo menos era o que pretendia, apesar de já estar alguns dias por ali. Havia abandonado o emprego de contabilidade em uma conceituada empresa para investigar o desaparecimento de seu pai, devido à falta de informações da polícia local.

Seu pai era considerado um gênio da ciência, e havia se aposentado há alguns anos. Dava aula na faculdade da cidade e se comunicavam sempre que possível. Michael não ficava mais que um mês sem se comunicar com seu pai, até que um dia ele entrou em contato por telefone e disse, com uma voz diferente, em uma mensagem na caixa postal.

"Filho, seu pai te ama! Me perdoe! Se acontecer algo comigo, não venha me procurar."

Depois desse dia Michael não conseguiu mais contato, o que o

obrigou a largar sua vida rotineira e seguir em busca de notícias sobre seu pai.

Michael era um homem sem muitas pretensões, não tinha grandes sonhos, e passava a maioria de seu tempo sozinho em casa. Seus colegas de trabalho sempre o chamavam para sair, mas sempre dava uma desculpa para ficar em casa.

Quando chegou na casa de seu pai, mesmo após anos sem visitá-lo, sabia perfeitamente onde estavam os móveis e onde ficavam quartos. Seu pai havia deixado a casa exatamente da mesma forma. O quarto de Michael estava intacto. Este sentou-se na cama e, por onde olhava, formavam em sua mente lembranças de sua infância, das histórias que seu pai contava antes de dormir, das brincadeiras nos corredores da casa. No fundo se sentia culpado por ter se distanciado de seu pai. Levantou-se da cama e foi em busca de algo que poderia ser útil, falando para si mesmo "não tenho tempo para lembranças, preciso encontrá-lo!".

Desceu em seguida, indo em direção ao quarto de seu pai, que também estava bem arrumado – seu pai sempre foi bastante organizado. Na bancada havia muitas fotos suas e muitas outras com sua mãe – mesmo após muitos anos seu pai não havia superado a morte de sua mãe, vítima de um acidente de carro quando tinha quatro anos. Michael não lembra de seu rosto, a conhecia apenas por fotos.

Colocou em seguida a foto de volta na cômoda e seguiu direto para o segredo do cofre, onde colocou a data de seu aniversário. Mesmo depois de anos a senha era a mesma. Após o cofre abrir, ficou surpreso, e não foi por conseguir abri-lo: ali havia mais dinheiro do que seu pai poderia ganhar em toda sua vida. Michael nunca tinha visto tanto dinheiro em sua frente.

— Senhor? Senhor?

Michael despertou de seus pensamentos e em seguida deu atenção a garçonete.

— Aqui está o seu café da manhã com pão, ovos mexidos e seu café com leite.

— Obrigado — responde ainda com o pensamento no dinheiro.

Antes de tocar no café da manhã seu telefone toca.

— Alô.

— Oi Michael — falou o rapaz na linha — Tenho boas e más notícias. A boa é que consegui recodificar as senhas do *notebook* que pediu, e a má notícia é que o correio eletrônico estava protegido e as mensagens foram apagadas assim que consegui redefinir a senha. Sobraram uns rascunhos de mensagens que ainda não haviam sido enviadas. Talvez sejam úteis.

— Jimmy, não sei como lhe agradecer! — disse Michael se levantando as pressas da mesa — muito obrigado, precisava de alguém de confiança para me ajudar, fico te devendo essa!

— Não se preocupe. É o mínimo que poderia fazer depois da ajuda que você me deu para eu conseguir controlar aquelas dívidas com suas dicas de administração.

— Aquilo não foi nada, estou acostumado a fazer este tipo de serviço no trabalho. Estou passando aí agora para pegar o computador, te vejo em trinta minutos.

— Tudo bem, estarei aqui na loja lhe esperando — concluiu Jimmy. Michael se alimentou de forma acelerada, quando concluiu, deixou o dinheiro sobre a mesa.

Entrou no carro colocando sua bolsa no banco do carona, que já estava lotado de papéis, deu um giro rapidamente ao seu redor e notou que o carro estava transbordando de papéis espalhados por toda parte. Ignorou o cenário, colocou o cinto de segurança e deu a partida no carro. Na sua cabeça apenas um pensamento: "finalmente encontrei algo concreto depois de semanas."

A loja de computação estava vazia, com computadores concentrados no centro. A sala estava escura, só era possível ver o brilho das telas dos monitores ligados. Jimmy era seu amigo de infância. Ambos viviam grudados quando crianças e se consideravam como irmãos. Contudo, os dois acabaram se distanciando após Jimmy se mudar com sua família para outra cidade. Nunca ficaram sem contato, mas devido às responsabilidades, faculdade e trabalhos de ambos, deixaram de se falar por um longo tempo. Jimmy, formado em programação, tinha esta loja no centro da cidade. Apesar de estar grande parte do tempo vazia, ele conseguia manter o comércio devido às suas

habilidades hackers, para as quais tinha vários clientes. Michael sabia que sua loja era na verdade uma empresa fantasma.

Chegando ao fundo da sala, Michael logo avistou Jimmy atrás do balcão.

— Você não corta mesmo este cabelo hein — disse Michael em um raro momento de descontração.

— E você continua o mesmo teimoso de sempre — Jimmy o olhou de cima abaixo e, feliz pela visita do amigo, concluiu – Achava que este sobretudo era apenas para tirar foto. Até que você fica elegante com ele.

— Agradeço o elogio — disse Michael acelerando a conversa — e então, onde está o computador? — o *notebook* já estava nas mãos de Jimmy, mas não havia notado.

— Aqui está! — antes de entregá-lo Jimmy puxou-o para si e falou — tenha cuidado, o *software* que apagou os e-mails do seu pai é altamente avançado, somente o alto escalão de *hackers* tem acesso a esta programação — em seguida entregou o computador.

— Obrigado Jimmy! não precisa se preocupar comigo, não descansarei até encontrar meu pai! Agora tenho que ir — Michael se virou e a passos largos se dirigiu à saída.

Ao chegar na casa de seu pai, onde estava hospedado desde então, correu para a mesa do escritório e ligou o computador. A foto de proteção de tela era uma foto de quando Michael tinha onze anos. Este não se perdoava pelo tempo que ficou afastado de seu pai.

Começou a analisar a caixa de mensagens, encontrando e-mails referentes a ciência moderna, pacote de viagens, nada que o interessava naquele momento. Começando a ficar nervoso, mal conseguia guiar o mouse, tamanha a afobação. Entrou na seção de e-mails enviados e não encontrou nada que pudesse ajudá-lo. Pressentia que estava perdendo algo. Parou para pensar, respirou fundo e voltou a olhar para o *notebook*, clicando em "Rascunhos", onde uma mensagem não enviada lhe chamou atenção.

"Há algo estranho com os testes que estão fazendo, você está sendo conivente com isso? Alguma coisa está errada e eu descobrirei..."

3

— Alô Jimmy, Michael falando.

— Oi Michael, bom dia, conseguiu descobrir algo?

— Preciso que você descubra a identidade de uma pessoa pelo seu endereço de e-mail. Você consegue?

— Consigo sim, fale-me o endereço.

— Acabei de lhe enviar por e-mail, verifique se já recebeu.

— Ah! Ok. Acabei de receber, aguarde num momento na linha que adicionarei aqui no meu sistema de busca.

— Tudo bem! — disse mais aliviado após a resposta positiva de Jimmy.

— Michael, quando você apareceu aqui na loja, tentei conversar com você, mas não tive a oportunidade, pois você saiu feito louco. Estou preocupado com você, precisa se cuidar. Sua aparência está horrorosa, você está parecendo um morto-vivo, suas olheiras estão enormes. Tio Albert significava muito para mim também, mas já se passaram alguns meses. Acho que está na hora de seguir em frente.

Michael compreendia, realmente estava cansado, mas sabia de coisas que o fazia seguir em frente, coisas que não havia contado para Jimmy, além de sua esperança de encontrar seu pai ainda vivo.

— Jimmy, eu estou bem — respondeu já sem paciência. Entendia a preocupação de seu amigo, mas não queria ter aquele tipo de conversa — não precisa se preocupar, sinto que estou mais perto da verdade e não desistirei até descobrir.

Jimmy ainda não convencido comentou sobre o trabalho e dos planos que Michael tinha quando mais jovem.

— Entendo, mas você largou um ótimo emprego, tinha um futuro brilhante pela frente, você não pode se deixar afundar neste labirinto sem fim.

— Devo isso a ele Jimmy. de qualquer forma o encontrarei.

— E se não o encontrar? O que irá fazer quando seu dinheiro acabar?

"Seiscentos mil dólares não acabam da noite para o dia." — Fique tranquilo, ainda tenho dinheiro suficiente.

— Que droga! — disse Jimmy deixando Michael assustado.

— O que houve?

— A identidade do dono deste e-mail está trancada a sete chaves.

— Não acredito! — Michael já começara a ficar preocupado.

— Espere um momento, mesmo assim conseguirei descobrir, mas precisarei de um pouco mais de tempo. Terei que decodificá-lo, e este processo demora um pouco mais.

— Quanto tempo você precisa? — perguntou Michael agoniado.

— Não sei exatamente, vai depender das defesas que o programa encontrar. Provavelmente uns três dias, talvez uma semana ou mais... Assim que souber de algo lhe informarei.

— Tudo bem, obrigado mais uma vez. Não queria lhe envolver nisso, mas você é a única pessoa em que confio.

— Não precisa agradecer, só quero que você me prometa que vai se cuidar.

— Pode deixar. Mantenha-me informado.

Michael olhou para o relógio na parede e se deu conta que o dia havia passado muito rápido. Seu estômago roncou, estava faminto. Deixou o computador de lado e caminhou para a cozinha, abriu a geladeira e constatou que não havia nada de interessante para comer, foi até o armário, pegou uma embalagem de macarrão instantâneo e se dirigiu ao micro-ondas para colocar a refeição já comum das últimas semanas, programou-o e decidiu tomar um banho. Tirou seu

sobretudo, toda sua roupa ali mesmo, na cozinha, caminhou completamente nu até o banheiro. Sempre tomava uma ducha com água fria, mas decidiu usar a água quente, fazia muito frio naquela noite, precisava relaxar, ficou no banho quase uma hora, havia tempo que não tomava um banho tão demorado.

Já no quarto pegou roupas limpas, que estavam em cima da cama junto com as demais, e correu para a cozinha, se sentou para comer. Aquele macarrão rotineiro o satisfazia, não costumava comê-lo em casa. Quando se deu por satisfeito, deixou o prato na pia e ainda sem sono retornou para o computador. Além do endereço de e-mail, havia um logotipo com uma forma estranha, havia alguns traços verdes e outros azuis, que juntos pareciam um pássaro. Michael já havia notado, mas não levou em consideração, pois imaginava que Jimmy conseguiria identificar o destinatário.

Começou então a buscar algumas informações sobre o logo. Os resultados de busca eram muitos, mas as informações não tinham relevância e não estavam associadas ao logotipo. Mesmo assim continuou passando as páginas de busca, até que encontrou um *blog* com um logotipo idêntico. Michael clicou imediatamente para verificar do que se tratava, mas o site não abria. Tentou por várias vezes e não obteve êxito. Decidiu então parar a busca e, pela primeira vez desde sua chegada, abriu seu e-mail para verificar suas mensagens recebidas. Assim que completou o *login* ficou espantado com a quantidade de e-mails não lidos. A maioria das mensagens, para sua surpresa, era pessoal, de seus colegas de trabalho. Ficou contente por ver as mensagens e decidiu responder algumas. Após começar a escrever, o teclado em pouco tempo travou. Não estava mais conseguindo escrever, e então o cursor começou a se mover. Michael começou a ficar preocupado. A tela lentamente foi ficando vermelha, fotos começaram a surgir, caindo uma sobre a outra, fotos de mulheres nuas, fotos de desenhos pornográficos, empilhadas uma atrás da outra. Assim que as fotos pararam de encher a tela uma mensagem apareceu "Pronto para uma punhetinha?". Michael tentou novamente usar o teclado, mas nenhuma tecla estava funcionando. As fotos começaram a empilhar a tela novamente, e então outra mensagem apareceu.

"Não precisa ficar nervoso, eu sei o que você quer." Após a segunda mensagem, Michael decidiu desligar o computador, mas antes de fazê-lo percebeu que a tela havia mudado de cor – agora estava azul, e havia uma terceira mensagem na tela, mensagem que não visualizou no primeiro momento, pois as fotos pornográficas haviam parado de aparecer. A última foto o impediu de desligar o *notebook*: era a foto de seu pai. Michael então leu a terceira e última mensagem. "Eu posso te ajudar."

4

— Nossa amor, como é lindo este hotel.

— Gostou? É o mínimo que poderia fazer por esta noite tão especial para nós.

— Olha, como fui pega de surpresa, passei correndo no mercado e comprei um champanhe para comemorarmos.

— Champanhe? Você sabe, sempre que quando bebo champanhe não paro de arrotar.

— Tomamos um gole apenas! Precisamos brindar nossa felicidade, vou procurar as taças.

— Tudo bem, preciso de um banho, trabalhei bastante hoje.

— Eu tomei banho antes de sair de casa. Estou com aquele perfume que você adora, não demore, estou morrendo de saudades.

Após uma ducha gelada James colocou o roupão e caminhou em direção ao quarto. Assim que chegou se deparou com sua amada deitada na cama com uma linda *lingerie*. James não reconheceu aquelas peças de roupa à primeira vista, até perceber que ela nunca havia usado, deixando-o de coração acelerado. A *lingerie* era rosa, um rosa bem escuro, que combinava com rendas na cor preta. James ficou imóvel por uns segundos, somente observando-a, ele gostava de fitá-la e ela sabia disso. Com muito custo conseguiu se aproximar, lentamente debruçando sobre a cama enorme e confortável, até que ela entregou-lhe a taça de champanhe para brindarem o momento. Mas

o brinde já não era o foco para ambos – estavam conectados pelos olhares que se encontravam e se desejavam. Deixando a taça de lado sem mesmo dar um gole ele foi ao encontro com o que mais queria.

Beijou-a no pescoço, afastando a presilha do *soutien* do cavar do ombro, mordeu-a de leve. Em seguida ela afastou o ombro, se reaproximando em seguida. Beijou seu rosto procurando sua boca, e quando os lábios finalmente se encontraram, ela o mordeu com força no lábio inferior. Ele acusou a mordida com um leve gemido, e entrelaçou seus dedos nos cabelos dela, subindo pela nuca, e então puxou-a beijando sua orelha. O corpo dela enrijeceu e depois estremeceu com força. Lentamente passou sua mão direita pelas costas dela e, como se já estivesse treinado, desabotoou seu *sutiã*, voltando a beijá-la no pescoço, em seguida acariciando levemente seus seios. Lentamente foi despindo-a, agora fitando-a nos olhos. Ela o acompanhava, já escaldando por antecipação, olhando-o se abaixar e beijar seu belo par de seios. A mulher sentia-se explodir. Enquanto beijava um seio, James acariciava o outro, se concentrando no biquinho rosado de ambos. Por um instante tirou a mão direita de seu seio e passou deslizando-a sobre a coxa, percebendo rapidamente que a mulher estava totalmente arrepiada. A pegada ficou mais forte e James beijou sua virilha. Quando chegou onde queria sentiu a explosão de prazer de sua amada, que estava implorando para senti-lo dentro de si.

Suspiros de prazer foram inevitáveis, juntos com cada gota de suor que deslizava pelos seus corpos. James então passou a língua em suas dobras internas, deixando-a trêmula por um instante e fazendo-a se revirar com seus beijos molhados. Ao olhar seu rosto, ainda sem parar de movimentar sua língua, via a feição de prazer; ela, com os olhos fechados, mordia os lábios e dava um pequeno sorriso de canto de boca. James então afastou um pouco sua perna para o lado e deu a ela o que estava implorando para receber. Em uma sincronia perfeita ambos se aventuravam por toda cama. A pulsação foi aumentando e, quando ambos explodiram de prazer, enquanto enxugava o suor que escorria pelo rosto dela, James sussurrou em seu ouvido.

— Eu te amo Olivia.

— Quando ela sorrindo virou para olhá-lo, em milésimos de

segundos seu rosto ficou imediatamente pálido. James só percebera quando ela olhou para seu corpo ensanguentado e gritou, o lençol já vermelho de sangue, James voltou a sentir uma forte dor na cabeça e antes que desmaiasse acordou assustado:

— Olivia! O nome dela Olivia!

Os ruídos de confusão vinham do pátio. Era mais um dia dentro da prisão, mas havia uma diferença, não referente à rotina geral, mas sim para James, que estava mais atento, a ponto de descobrir o que o diretor Isaak sabia sobre seu passado. James queria saber mais sobre Olivia, e ainda tinha que se preocupar com Hernandez que não iria lhe deixar em paz.

— Está pronto para encontrar aquele canalha novamente? disse Robert.

— Já se passou uma semana. Provavelmente já esqueceu, e não ficarei muito tempo no pátio. Só preciso analisar algumas coisas. — James sabia que Hernandez acordava tarde.

— Aquele maníaco esquecer algo? Acho difícil, ele deve ter ficado furioso por você não comparecer ao pátio por estes dias.

— Chega de falar de Hernandez, temos outras coisas para nos preocupar!

Já no pátio sentou-se na mesa de damas e começou a olhar ao seu redor.

— O que você está procurando? — Robert perguntou curioso.

— Preciso juntar todos os tipos de informação que lembro sobre mim. Algumas coisas não consigo recordar se foram sonhos ou se realmente aconteceram. Preciso da sua ajuda.

— Claro meu amigo. O que eu posso dizer é que estou com você aqui há pouco mais de seis meses, e nos últimos dias você começou a ter estes problemas, nunca havíamos conversado sobre isso.

— Você não lembra mais de nada?

— Infelizmente não.

— De qualquer forma obrigado.

— Espere. — Robert parou pensativo — você recebeu uma visita há alguns meses atrás, você lembra disso?

— Visita? Não lembro.

— Mas eu sim, lembro-me bem deste dia porque quando você retornou não falou absolutamente nada sobre quem era.

James ficou surpreso com o que acabara de ouvir.

— Eu não lembro disso, depois eu não falei mais nada?

— Não. Na época eu preferi não comentar.

— Preciso saber quem foi esta pessoa que me visitou.

— Minha esposa me visitará na próxima semana. Ela sempre assina um livro de visitantes. Posso pedir para ela tentar ver algo pelo seu nome no livro. Se tivermos sorte ela encontrará algo.

— Verdade. Pode ser que tenhamos sorte. Preciso lhe contar outra coisa. Sei que dificilmente terei resposta da minha vida aqui. Com isso tomei uma decisão e precisarei muito de sua ajuda. Vamos fugir desta prisão.

Robert, que estava distraído, virou sua cabeça para James como um raio.

— Fugir? Você ficou doido?

— Falo sério — disse James friamente após encará-lo.

— Não há possibilidades de conseguir uma fuga, esta é uma prisão nova, ninguém conseguiu escapar dela até hoje, o governo investiu milhões nestas estruturas.

— É possível sim! Precisamos ter cautela e agir com inteligência. Vamos prestar mais atenção na rotina dos guardas e nas instalações da prisão.

— Ao tentarmos uma fuga poderemos sofrer consequências. Todos que tentaram fugir desta prisão foram mortos ou respiram por canudinho.

James levantou-se e ficou de frente para Robert.

— Arrumaremos um modo seguro para escapar. Ou você prefere continuar preso por anos?

— Não existe modo seguro — gritou Robert entristecido com suas próprias palavras.

James precisava convencê-lo, pois seria sua única esperança de escapar.

— Eu prometo para você que só fugiremos se conseguirmos uma forma segura.

Robert virou-se de costas pensando na possibilidade de reencontrar sua esposa e filha, virou-se para James e falou:

— Ok. Mas só iremos agir quando eu achar seguro.

James levantou a mão e disse:

— Iremos sair daqui juntos.

Robert retribuiu o aperto de mão e repetiu:

— Iremos sair daqui juntos.

Mais tarde, naquele mesmo dia, James então parou para pensar sobre seu sonho. "Olivia, irei ao seu encontro seremos felizes novamente."

***

James e Robert estavam mais espertos no dia seguinte. De olhos atentos, prestavam atenção em cada movimento que os guardas faziam ainda no corredor de acesso ao pátio. Agora tinham um objetivo. Quando chegaram no fim do corredor avistaram o jovem rapaz Diego jogado no canto do pátio, com diversos hematomas pelo corpo, além do rosto bastante surrado.

— Então era verdade — disse Robert.

— O que é verdade? — disse James enquanto ia de encontro ao rapaz.

— Haviam boatos de que Hernandez estava surrando o pobre garoto todos os dias após o que aconteceu naquele dia. Preferi não lhe contar, não sabia se era verdade.

— Preferiu não contar? Ajude-me a carregá-lo, vamos levá-lo para nossa cela. James apanhou os braços do rapaz e o ergueu esperando a ajuda de Robert. Ao chegar na cela colocaram Diego na cama, James pegou alguns kits que tinha guardado na cela e pediu para Robert que o ajudasse. O rapaz estava agonizando de dor.

— Calma garoto, fique calmo. Vou cuidar desses ferimentos. Robert, pegue um pouco de água, ele está ardendo em febre.

Robert pegou a água, mas não estava se sentindo bem com a situação.

— Ele não pode ficar aqui em nossa cela, você conhece as regras.

— Não temos tempo para isso! Vamos ajudá-lo. O garoto está

morrendo e eu sou o culpado. Vai me ajudar ou não? — Robert decidiu ajudá-lo.

— Vamos medicá-lo rápido e depois tiramos ele daqui.

Diego dormiu a tarde toda. Robert foi algumas vezes conferir se o garoto estava respirando, pois se mantinha imóvel por todo tempo. Provavelmente há tempos não tinha uma boa tarde de sono.

No final do dia Robert acordou o rapaz, pois faltavam poucos minutos para o fechamento da cela. Diego levantou ainda sonolento. Antes de sair James tentou tranquilizá-lo.

— Amanhã quando as galerias forem abertas estaremos no pátio. Acorde cedo e nos encontre, temos algumas coisas para lhe passar — Robert fitou-o no mesmo momento, mas nada falou, apenas virou-se e sentou-se em sua cama. O garoto saiu.

— Não podemos envolvê-lo nisso, James, você sabe muito bem disso — falou Robert levantando de sua cama — Se algo acontecer com ele a responsabilidade será toda sua! Já será difícil conseguirmos fugir, se preocupando com ele será praticamente impossível.

— Calma, meu amigo — James levantou-se e pôs a mão no ombro de Robert.

— O garoto pode ser útil, você sabe que precisamos de mais alguém para nos ajudar. Além do quê, ele é a única pessoa que podemos confiar, pois não tem amigos aqui — Robert ainda não estava conformado.

— Quem garante que ele é confiável? Este garoto entregará nosso plano para o primeiro preso que apertá-lo.

— É por isso que não deixaremos ele sozinho. Amanhã conversaremos com ele e veremos o que ele tem a nos oferecer. Agora vamos descansar, amanhã daremos o pontapé inicial para o nosso plano de fuga.

***

James e Robert acordaram cedo no dia seguinte, e após a liberação geral dos internos, caminharam em direção ao pátio. Diego, apesar do olho roxo, estava aparentemente melhor. James preferiu não perder tempo e ir direto ao assunto, mas antes de começar Diego o interrompeu.

— Antes de vocês falarem qualquer coisa queria agradecê-los por ontem. Vocês foram os únicos que me defenderam desde que cheguei aqui. Podem contar comigo para qualquer coisa, estarei à disposição para retribuir a ajuda — James fitou Robert por um segundo e voltando a olhar para Diego indagou:

— Obrigado por me poupar tempo, suas declarações nos deixaram mais tranquilos. Precisaremos sim de sua ajuda, mas antes precisamos lhe fazer uma pergunta. O que você seria capaz de fazer para sair desta prisão? — Diego olhou para ambos e com um sorriso de canto de boca respondeu:

— Arriscaria até minha vida se possível para sair deste inferno.

Daquele dia em diante toda a rotina dos guardas era acompanhada pelos três, que se posicionavam em locais diferentes e faziam todas as anotações necessárias, que eram debatidas ao final do dia. Em pouco tempo já tinham amplo conhecimento acerca dos guardas que dormiam no posto, aqueles que ignoravam os procedimentos diários de segurança, além dos que abandonavam o posto para fumar após o almoço, além do efetivo total que ficava para o pernoite. Após algumas semanas sabiam até o tipo de roupas que cada guarda vestia.

James com seu caderno na mão, após duas semanas, afirmou em uma das reuniões:

— Pronto! Conseguimos identificar toda a rotina deles. Agora precisamos mapear o local. Consideraremos todos os acessos como possibilidades de fuga e escolheremos o mais fácil.

Após mais alguns dias analisando o *layout* da prisão, chegaram a uma conclusão.

— Não será fácil escapar, todas as portas são eletrônicas e abrem apenas após contato visual do operador — disse Diego enquanto mostrava os acessos no mapa que havia criado.

— Temos sete acessos e todos eles têm a mesma tecnologia de segurança, não conseguiremos passar por eles nunca.

— Não acredito nisso! Temos que arrumar uma forma — disse Robert após dar um murro na parede. James, olhando ao redor do pátio e sem muitas expectativas falou:

— Reviramos todos estes pontos. Não há possibilidade de sair-

mos, todos os acessos são bem projetados. Como você disse Robert, esta é uma cadeia extremamente segura.

— Só haveria uma possibilidade de conseguirmos passar por estes portões, mas seria praticamente impossível — disse Diego pouco empolgado.

— Como? — Robert perguntou.

Diego levantou-se e começou a falar.

— Eu sou programador. Se eu tivesse um computador, com sorte conseguiria liberar o acesso de alguma dessas portas.

— Ah, tudo bem! Amanhã eu irei ao *shopping* e comprarei um *pentium quad core* para você, problema resolvido — debochou Robert.

— Eu não disse que seria fácil — retrucou Diego, e concluiu:

— Mas esta seria a parte fácil — Robert riu perguntando em seguida o que poderia ser mais difícil.

— Precisamos desativar um cabo amarelo que fica na central de computação. Este cabo bloqueia qualquer tipo de ataque *hacker* e, se tratando de uma prisão de segurança máxima, com certeza eles têm esta tecnologia — Robert levantou.

— Central de computação? Nem sabemos onde fica, e como ela é, quanto mais identificar um cabo amarelo, isso se realmente for esta cor.

— Tenho certeza de que se trata de um cabo amarelo, com a sigla RF-20, este cabo é universal.

— Não temos chance de prosseguirmos com este plano, acho melhor pararmos por aqui — Robert virou-se e foi caminhando em direção à cela. James pensativo levantou e seguiu Robert em direção ao corredor, dizendo para Diego para que o encontrasse no mesmo horário na manhã seguinte.

Enquanto caminhavam em direção à cela, James pensativo, retardando seus passos, acreditava ter subitamente encontrado a solução para que o plano continuasse, mas o maior problema seria convencer Robert e Diego. Parou de caminhar, forçando Robert a parar em seguida.

Antes que Robert pudesse dizer qualquer coisa James afirmou com veemência:

— Há uma forma de conseguirmos executar este plano, mas precisaremos da ajuda de mais uma pessoa.

— Quem? Robert perguntou ainda sem esperança.

James respirou fundo e respondeu.

— Hernandez.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

2018